

AS FORMAÇÕES X-NEJO NO PORTUGUÊS DO BRASIL: UMA ANÁLISE CONSTRUCIONAL

Ana Cristina **Rosito de Oliveira**

O presente trabalho tem como objeto de estudo as formações *X-nejo* do português do Brasil que se multiplicaram a partir do surgimento e propagação do gênero musical Sertanejo Universitário no Brasil, a exemplo de ‘pagonejo’, ‘funknejo’ (mistura de ritmos); ‘blognejo’, ‘twitternejo’ (espaço em redes sociais para troca de informações sobre música sertaneja e eventos a ela relacionados); ‘gatonejo’ (rapaz bonito que frequenta locais de música sertaneja), ‘feminejo’ (empoderamento feminino na música sertaneja), entre outras formações. Essas novas formações estão intimamente relacionadas à música sertaneja. Através deste trabalho, que foi concebido a partir de corpus constituído de dados coletados na internet (redes sociais, blogs e sites dedicados à música sertaneja, dicionários eletrônicos e através das ferramentas de pesquisa Google e Yahoo), constatou-se que o grupo de formações *X-nejo* com maior produtividade refere-se à mistura de ritmos e que a palavra-gatilho é ‘sertanejo’.

Nesta pesquisa, objetivou-se investigar o que impulsiona as novas formações criadas a partir do *splinter-nejo* que tenham como mola propulsora a palavra ‘sertanejo’ e verificar o lugar do formativo no *continuum* derivação-composição. Para isso, foram utilizadas a base teórica fornecida pela Morfologia Construcional de Booij (2005,2010) que está inserida na Linguística Cognitiva (Lakoff,1987; Langacker,1987) e a definição de *splinter* de Bauer (2005). Além disso, foram aplicados os critérios empíricos apontados por Gonçalves & Andrade (2012,2016) para diferenciar afixos de radicais. Os resultados obtidos indicam que o formativo, ao longo dos anos, passou de forma presa para forma livre e está posicionado no *continuum* mais próximo à composição.

COMPOSTOS SINTÁTICOS E MORFOLÓGICOS EM PORTUGUÊS E LATIM: CONFRONTO DE ESTRUTURAS

Bianca Ferreira

O trabalho objetiva analisar compostos sintáticos e morfológicos (GREENOUGH & ALLEN, 1903; CART, 1986; SANDMANN, 1989; ONIGA, 1992; VILLALVA, 1994) do português contemporâneo e do latim clássico, tais como *pé de moleque*, *guarda-chuva*, *contagota*, *lobisomen*, *baraticida*, *cacauicultura* e *res publica*, *agri cultura*, *bene dictum*, *agricola*, *armiger*, *cornicen*, comparando estruturas lexicais presentes nestas duas línguas.

O corpus desta pesquisa é constituído de dados analisados em artigos (GONÇALVES, 2011, 2012), dissertações (HIGINO da SILVA, 2011), teses (BOPP da SILVA, 2010, FARIAS, 2011, HIGINO da SILVA, 2016) e de palavras extraídas de textos latinos (OVIDIO, [ca. 8 a.C.]; JUVENAL, [s.d.]; HORÁCIO, [ca 30 a.C.]; PLAUTO, [ca. 195 a.C.]. Após esse levantamento, examinaram-se as características sintáticas, morfológicas e fonológicas das construções, estabelecendo paralelos e identificando particularidades do português.

Mais especificamente, procurou-se observar (a) o comportamento da composição morfológica e da composição sintática no português e no latim clássico; (b) as heranças estruturais desses processos no português contemporâneo e (c) a interferência dos aspectos fonológicos, sintáticos e morfológicos na classificação do processo de formação de palavras no português.

ESTRATÉGIAS DE REPRESENTAÇÃO DO DIMINUTIVO EM PORTUGUÊS E EM FRANCÊS: UMA ANÁLISE CONTRASTIVA

Bruna Fernanda Ferreira Candido

Neste trabalho, realizaremos uma análise contrastiva que tem como foco a expressão do diminutivo no Português Brasileiro (doravante PB) e no Francês *Standard* e, assim, faremos um levantamento dos sufixos interpretados como formadores de diminutivo em ambas as línguas, acreditando que, apesar de serem línguas neolatinas, as mesmas apresentam divergências no tocante à expressão do grau diminutivo.

O objetivo central deste trabalho é analisar a expressão morfológica do grau diminutivo no PB e no Francês, observando as características comuns e as divergentes nas duas línguas, no que diz respeito aos aspectos formais e aos aspectos semânticos e discursivos.

Desse modo, objetivamos, mais especificamente: (a) verificar como os sufixos de diminutivo no latim evoluíram para as duas línguas; (b) observar o comportamento de sufixos diminutivos, como -inho, -eco, -ito, -ete (vogal inicial fechada), -eto(a) e seus possíveis correspondentes em francês; (c) conferir se existe uma correspondência semântico-funcional entre sufixos formalmente relacionados nas duas línguas, a exemplo de ‘-ete’, que constitui diminutivo em francês (*fillette*/ garota- garotinha) e apresenta significados bastante diferentes em português, como: tipo pequeno de X (colchonete), depreciação feminina (periguete), fã (neymarzete), assistente de palco (chacrete), práticas sexuais orais (boquete); (d) analisar os referidos sufixos com base nos esquemas da Morfologia Construcional, visando apontar divergências e semelhanças entre as duas línguas; (e) observar se são recorrentes, nas duas línguas os *efeitos expressivos*, a *lexicalização* e a *função indexical*; e (f) analisar os aspectos formais e semânticos da base (*input*) e da formação resultante do processo de sufixação (*outputs*).

Para tanto, o referencial teórico adotado na análise é a Morfologia Construcional, idealizada por Geert Booij (2010) e adaptada para o português por Gonçalves & Almeida (2013). Em relação à metodologia, utilizaremos, como fonte principal de recolha de dados, dicionários eletrônicos de língua portuguesa e de língua francesa, bem como o rastreamento eletrônico pela ferramenta de busca *Google*.

SOBRE COLEÇÕES E LUGARES: O CASO DAS FORMAÇÕES X-TECA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Camila Nunes de Melo

Este trabalho visa defender que os processos de formação de palavras, composição e derivação, devem ser analisados de forma gradual, a partir da análise do elemento -teca. Acredita-se se que este elemento, apesar de ser tradicionalmente classificado como um elemento da composição, ganhou algumas características de afixo como, por exemplo, o fato de -teca estar sempre alocado na segunda posição, tendo esta como um posicionamento fixo. Além dessa característica, este trabalho procura definir quais são as demais características de afixo que o formativo ganhou e quais são as características de radical

que o item mantém. O fenômeno que acontece com esse item corrobora para uma análise escalar entre os processos já citados.

POR UMA NOVA ABORDAGEM DO FORMATIVO MEGA- NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: O CONTINUUM RADICAL-AFIXO

Diego Aguiar Garcia

Dados como *mega-divertido* e *mega-feliz* demonstram que o formativo *mega-*, que adiciona uma dimensão ou intensidade ao item à sua direita, forma um paradigma coeso que não corresponde adequadamente à classificação de radical neoclássico, definido por Petropoulou (2009) como um radical de origem greco-latina que não atua como forma livre na língua tomadora.

Coletados a partir de postagens em redes sociais e recursos eletrônicos como o *Google*, os dados revelam paradigmas bastante extensos (*mega-importante*, *mega-rápido*, *mega-criativo*, *mega-eficiente*, *mega-caprichado*) que não podem ser considerados “combinações particulares” (BASILIO, 1987). Os mesmos serão analisados a partir de critérios sintetizados por Gonçalves e Andrade (2012) sob uma perspectiva gradiente, ou *continuum* radical-afixo, que sugerem uma aproximação do formativo *mega-* ao polo da derivação, e não da composição.

(RE)ANALISANDO O TTK: UMA PROPOSTA POR RANKING DE RESTRIÇÕES

Felipe da Silva Vital

Dando continuidade ao projeto iniciado em 2016, esta apresentação - baseada em Gonçalves & Vital (2017) - traz como objetivo primeiro uma proposta de ranqueamento fixo na hierarquia de restrições, baseado nos princípios gerais da Teoria da Otimalidade (PRINCE & SMOLENSKY, 1993), para o fenômenogiriático conhecido como linguagem TTK, ou Gualin, que consiste na metátese silábica, em sentido enantiomórfico (GONÇALVES, 1992) da palavra-matriz. Como

característica geral, o TTK privilegia a acentuação oxítona (['kɛ. ru] >> [ro. 'kɛ]; [ga. 'ro. tɐ] >> [ta. ro. 'ga]).

O objetivo da pesquisa consiste em mostrar que há regularidades nos processos tidos como "marginais" pela Gramática Tradicional (GT) ou "os mal-comportados na formação de palavras", nos termos de Jensen (1991), e que tal regularidade consiste na interface fonologia-morfologia.

Desta forma, propomos, à luz de uma teoria paralelista, um ranqueamento fixo entre as restrições para outputs que apresentem um pé (concebido à luz de Hayes (1995)) como domínio para a aplicação do fenômeno morfo prosódico em tela. Para palavras trissilábicas, assumimos a proposta, seguindo o autor, de incorporação direta à palavra prosódica (w) (SELKIRK, 1982) da sílaba que não integra o pé, na contração do licenciamento prosódico (ITÔ, 1986), entendendo a condição FootBin (pés são binários em mora (μ) ou em sílaba (σ)) na perspectiva silábica (σ).

SPLINTERS NÃO NATIVOS: UMA ABORDAGEM CONSTRUCIONAL DE UM NOVO TIPO MORFOLÓGICO NO PORTUGUÊS DO BRASIL

José Augusto de Oliveira Pires

Diversas palavras são criadas, formadas e/ou incorporadas à Língua Portuguesa constantemente, sendo, consciente ou inconscientemente, provenientes dos mais diversos processos de formação de palavras. Dentre várias motivações para essa criação sistemática, temos a **função de rotulação**, que, segundo Basilio (1987:5), seria a de fornecer “novos rótulos para novas categorizações, ou seja, efetuar novas denominações”.

Com base nessas formações iniciais, notamos, nas mais variadas construções lexicais, a presença de processos de formação de palavras tanto concatenativos, dentre outros, a composição e a derivação (sendo esses dois dos mais representativos), por exemplo, quanto não-concatenativos, tais quais *reduplicação* (puxa-puxa, corre-corre) (VIALLI, 2013:11); *Truncamento* (biju, preju) (BELCHOR, 2014:1); *Hipocorização* (Cris, Manu) (THAMI DA SILVA, 2008:12)

e *Splinters*, sendo estes *nativos* (*sextaneja* e *tiadrasta*) e *não-nativos* (*ciberespião* e *nikitileaks*).

A partir dessas informações, objetivamos fazer uma análise dos *splinters*, especificamente dos não-nativos à luz do arcabouço teórico da Morfologia Construcional (BOOIJ, 2005, 2007 e 2010). Para tal, procuraremos (a) fazer uma breve descrição do que vem a ser essas partículas, (b) mapear e inventariar quais *splinters* não-nativos são utilizados contemporaneamente nas estruturas morfológicas do português e (c) examinar o comportamento dos mesmos em termos de grau de nativização, ou seja, quais estariam mais adaptados à fonologia e à morfologia da língua portuguesa. Posteriormente, intencionamos representar os *splinters* não nativos por intermédio de esquemas construcionais propostos por Booij (2005, 2007 e 2010) e, posteriormente, adaptados para o português em Gonçalves & Almeida (2012), tendo em vista que a análise possibilita tratar mais satisfatoriamente a relação entre semântica, sintaxe, morfologia e léxico, observando melhor as semelhanças de formação nos níveis da palavra e da frase.

ENTRE BAFÔMETROS E ACHÔMETROS: POR UMA DESCRIÇÃO DO FORMATIVO -ÔMETRO NO PORTUGUÊS DO BRASIL

Larissa Dias Almeida

O objetivo desta pesquisa consiste em mostrar que o formativo *-ômetro*, encontrado no português brasileiro em um grande número de palavras recém-formadas, ao contrário do que acontece com o formativo *-metro*, dá origem a vocábulos que não podem mais ser considerados representantes típicos da composição neoclássica (PETROPOULOU, 2009). A motivação para o presente trabalho fundamenta-se na percepção de que, nas recentes construções, *-ômetro* distancia-se do comportamento de radical neoclássico. Ademais, presente em um grande número de palavras recém-criadas, como *bafômetro*, *olhômetro* e *buracômetro*, o formativo exerce, respectivamente, a função semântica de indicar (1) *instrumento de medida*; (2) *técnica de cálculo não-matemático* ou (3) *forma de divulgar medida/quantidade*.

Os dados que constituem o *corpus* foram coletados em postagens de redes sociais, bem como com o auxílio de ferramentas eletrônicas como o *Google*, e revelam que, recentemente, o formativo *-ômetro* se combina com substantivos (*assaltômetro; mentirômetro*) ou verbos (*chutômetro; achômetro*) do português. Com isso, levantamos a hipótese de que os dados recentes com *-ômetro* se aproximam do comportamento da derivação, visto que, entre outros fatores, não se tratam mais de “combinações particulares”, nos termos de Basílio (1987), mas de paradigmas extensos em que *-ômetro* apresenta posição e função semântica predeterminadas.

A análise baseia-se em abordagens recentes como as de Gonçalves e Andrade (2012) e Andrade (2013), seguindo a proposta de que, em português, há um grande número de construções morfológicas que apresentam características tanto da composição quanto da derivação. Dessa forma, pretendemos analisar o comportamento do constituinte *-ômetro* em dados de formação recente e alocá-lo no *continuum* afixo-radical, o que proporcionará uma descrição mais precisa do formativo.

O PERCURSO DO SUFIXO -UDO DO LATIM AO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO

Marina Lima Mansur

Este trabalho aborda a evolução do sufixo *-UDO*, tanto o participial quanto o formador de adjetivos, do latim ao português. Para isso, trata de algumas modificações morfológicas sofridas pelo nome e pelos verbos; do percurso feito pelo sufixo participial e pelo sufixo formador de adjetivos e, finalmente, apresenta as conclusões sobre o atual estatuto dos dois sufixos.

SPACE BUILDERS: OS DIFERENTES PONTOS DE VISTA DE FUMÓDROMO E HOMOAGRESSOR

José Augusto de Oliveira Pires

Patrícia Affonso de Oliveira

Faremos uma análise das representações que os significados dos formativos *-ódromo* e *-homo*, mais especificamente o vocábulo *fumódromo* e o recomposto *homoagressor*, podem ativar de acordo com a circunstância em que se inserem, a partir de diferentes pontos de vista adotados. Utilizamos como arcabouço teórico a *Teoria dos Espaços Mentais* (FAUCONNIER, 1994, 1997) e algumas de suas concepções básicas; a saber, *Base*, *Foco*, *Evento* e *Ponto de vista* (CUTRER, 1994), assim como as noções de *Frame* (FILLMORE, 1982) e *Modelo Cognitivo Idealizado - MCI* (LAKOFF, 1987). Tendo em vista que as descrições realizadas de *-ódromo* e *-homo* na literatura mais tradicional não contemplam satisfatoriamente as novas possibilidades de construção, nosso intuito é o de demonstrar a importância de uma perspectiva teórica que os detalhes de maneira mais efetiva.

O PROCESSO DE RECOMPOSIÇÃO NA TEORIA MULTISSISTÊMICA

Patricia Affonso de **Oliveira**

Na presente comunicação, temos o objetivo de fazer uma análise do processo de recomposição, mais especificamente, dos afixoides *eco-* e *homo-* dentro do processo de recomposição, utilizando a teoria Multissistêmica da língua, teoria esta construída por Castilho (2010), baseada na visão funcionalista-cognitivista da língua. Os dados que compõem o *corpus* utilizado na pesquisa foram coletados em sites (*Google*, *dicionário informal*, *facebook* e *Dicionário eletrônico Houaiss*). São ao todo 262 dados. Percebemos que os elementos morfológicos *eco-* e *homo-*, no português brasileiro atual, não preservam mais o sentido etimológico, adquirindo um novo significado de alta relevância cultural: “ecológico” e “gay”.

O PROCESSO DE UNIFORMIZAÇÃO DO PREFIXO /iN-/ NO PORTUGUÊS DO BRASIL

Paula Pinheiro **Costa**

O presente trabalho busca se inserir em uma abordagem contributiva para os estudos da linguagem, considerando o processo de regularização do prefixo /iN-/, como em [ĩ]responsável, [ĩ]legal e [ĩ]maturo. Como arcabouço teórico, elegemos a Teoria da Otimalidade, que surge com uma proposta paralelista em que candidatos concorrem a *output* através de hierarquizações de restrições violáveis.

Com base em um *corpus* composto por dez entrevistas de falantes pouco escolarizados do Rio de Janeiro, objetivamos (a) apontar dessemelhanças com Gonçalves & Pinto (2011) e (b) expor *tableaux* que demonstrem as nossas conclusões com base em *corpus* próprio.

Cumprir dizer que os autores mostram a relevância da restrição OCP[soante], que, por ter alta cotação na escala hierárquica, desfavorece realizações com nasalidade no prefixo de negação ('in+mortal', 'in+lícito', 'in+real'), uma vez que, nessa fronteira de morfemas, haveria duas soantes contíguas. Os autores defendem, então, que a melhor solução para atender a essa demanda seria apagar a nasal, violando, com isso, a restrição de fidelidade MAX-IO, que milita pela semelhança entre *input* e *output*.

Nossos dados revelam que essa condição nem sempre é atendida, dada a existência de várias realizações com nasalidade vocálica no prefixo de negação, como em [ĩ]responsável. Em nosso trabalho defendemos, então, que, em determinadas gramáticas individuais, OCP atua não nem termos de especificação [soante], nem mesmo [nasal], uma vez que já tivemos a oportunidade de ouvir realizações como [ĩ]maturo e [ĩ]mortal, entre tantas outras. Nossa proposta consiste em demonstrar a demerção de OCP e a promoção de MAX em nosso grupo amostral.

UM ESTUDO DO CONFIXO FONO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO

Tiago Vieira de Souza

O objetivo da pesquisa é analisar a composição neoclássica no português do Brasil, focalizando o radical fono ('fonologia', 'lusófono'). Baseados em Gonçalves (2011: 8), partimos da ideia de que "o termo neoclássico é utilizado em referência à composição com bases gregas e latinas" e, pela produtividade na língua, o radical grego fono foi, portanto, escolhido para análise. Nesse contexto, vale ressaltar,

como dito por Gonçalves (2011), que uma grande parte dos formativos clássicos não apresenta mobilidade quanto à posição no vocábulo, ou seja, muitas formas já aparecem na estrutura da palavra em bordas pré-estabelecidas – formas que, na maioria dos casos, sempre aparecem ou na primeira ou na segunda posição.

Pretendemos demonstrar, no trabalho, que há radicais neoclássicos que não seguem o comportamento de aparecer numa posição pré-determinada, ou seja, são formas que podem ocupar ambas as posições – borda esquerda e borda direita. Nesse contexto, na tradição francesa, temos Martinet (1979) denominando tais formas de confixos e, então, definindo-as como “elementos que gradualmente adquirem características de afixo, mas em decorrência da oscilação posicional, formam uma categoria à parte”. Dessa maneira, temos em fonética/telefonía, exemplos de confixos, em que fono pode ocupar a posição inicial e final no vocábulo. O principal objetivo do estudo é checar se a forma selecionada para análise, fono, apresenta diferença de significado e função quando ocorre em diferentes posições na estrutura da palavra. Pretendemos verificar, também, o comportamento fonológico das formas complexas e as diferenças entre a confixação e os dois principais processos de formação: a derivação e a composição.

ANTROPÔNIMOS ORIUNDOS DE CRUZAMENTO VOCABULAR: ANÁLISE MORFOLÓGICA E FONOLÓGICA

Vitória Benfica da Silva

O Cruzamento Vocabular é um processo morfológico não concatenativo de formação de palavras, no qual ocorre a fusão de duas bases pertencentes ao léxico, p.ex. *mautorista* (*mau+motorista*). Como se pode ver nesse exemplo, um traço que caracteriza muitos cruzamentos é a sua expressividade, ou seja, sua especificidade semântica, como assevera Sandmann (1992: 59); deste modo, pode-se dizer que os CVs atuam como expressões que designam intenções, sentimentos ou atitudes do falante em relação ao seu discurso. Sendo assim, o Cruzamento Vocabular dá origem a uma nova palavra, cuja significação não apenas remete às palavras-fonte, mas também aponta para um novo referente. Vale acrescentar ainda que as mudanças

ocorridas nas bases não são operadas por mecanismos fonológicos (elisão, crase, haplogogia) frequentes em formação de palavras complexas.

Este trabalho é de caráter qualitativo, e apresenta possíveis classificações do Cruzamento Vocabular, além dos pontos de contato com os processos de composição e hipocorização. A perspectiva abordada é baseada em diferentes autores, tais como Gonçalves (2003; 2005), Basilio (2005) e Andrade (2008, 2013).

A presente pesquisa focaliza, de modo inédito, um *corpus* cuja formação envolve antropônimos como, por exemplo, *Marcotônio* (*Marcos + Antônio*) e *Arcângela* (*Arcanjo + Ângela*). Este corpus é dividido em três tipos de formações: CV em nomes consagrados, como em *Adalberto* (*Adalto + Roberto*); CV como produto do ato de “chipar”, no caso de *Brumar* (*Bruna + Neymar*); e CV em antropônimos acrescidos de qualificador, a exemplo de *Bolsotário* (*Bolsonaro + otário*). Portanto, esta pesquisa visa a analisar o processo do Cruzamento Vocabular e seus desdobramentos, dando ênfase ao seu comportamento nos casos em que, pelo menos, uma das bases é um antropônimo.

A FLEXÃO NOMINAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA VISÃO CONSTRUCIONAL

Wallace Bezerra de **Carvalho**

Na presente comunicação, apresento, sob o escopo da Linguística Cognitiva, uma visão construcional para o tratamento da flexão nominal (gênero e número) no português brasileiro, com enfoque no tratamento do gênero gramatical. Pretendo, tomando como principais pressupostos teóricos os trabalhos de Booij (2010; 2013; 2016) e Gonçalves (2016), oferecer um tratamento da flexão dos nomes em português, em sua variedade brasileira. Nesse sentido, entendo a flexão nominal ([*menin[o]*], [*menin[a]*]; [*menino[s]*]) como pareamentos forma-função, situação na qual a presença de uma forma indica uma função, assim como o inverso. Utilizo também como arcabouço teórico desta pesquisa os trabalhos de Nascimento (2004) e Tavares da Silva (2017), em que os autores abordam, respectivamente, o gênero gramatical sob a perspectiva da Gramática de Construções Conceptual, preconizada em Goldberg (1995) e processos derivacionais

no português brasileiro sob o viés da Morfologia Construcional, inaugurada por Geert Booij (2005).

Neste trabalho, procuro utilizar os achados de Nascimento (2004) e, com a análise introspectiva de outros tantos dados encontrados na *Internet*, em redes sociais como *Twitter* e *Facebook*, assim como dicionários eletrônicos, indicar o que considero serem construções da flexão nominal do português brasileiro. Dessa forma, seguindo algumas indicações da Linguística Cognitiva, procuro também indicar como determinados fenômenos acontecem na flexão dos nomes, tais quais as relações paradigmáticas (ou esquemas de segunda ordem), padrões analógicos, além de previsões de mudanças estruturais presentes nas construções. Por conta do alinhamento com abordagens construtivistas à gramática, procuro desenvolver também o polo semântico relacionado às construções de flexão nominal. Assim, pretendo oferecer uma nova maneira de abordar fenômenos flexionais envolvendo o nome no português brasileiro.